**FORMAÇÃO DOCENTE EM REDE: UMA EXPERIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

Rejuany Nora Klein da Silva – UERJ[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

A pandemia da covid-19 chegou repentinamente impondo no início do ano de 2020 a suspensão das aulas presenciais em várias escolas pelo Brasil, o que ocasionou uma mudança no exercício da prática docente tendo em vista a implementação de novas formas de ensino. Trazemos nesse trabalho uma experiência vivida em uma escola na rede municipal de ensino de Saquarema/RJ em que fomos nos formando em rede nos cotidianos, buscando vencer os desafios impostos pelo contexto pandêmico. Para isso, realizamos algumas rodas de conversas com o objetivo de promover a troca de experiências e a partilha de saberes (Nóvoa, 1992), bem como propiciar a formação docente em rede (Alves, 2010).

**Palavras-chaves:** Pandemia; Formação docente; Rodas de conversas.

**Introdução**

Com a chegada da pandemia da covid-19 nos deparamos com um cenário totalmente diferente do que estávamos acostumados no contexto educacional. A forma de ensino durante a pandemia se modificou, de um modelo presencial decorreu para um modelo de ensino em que há a mistura de diferentes estratégias pedagógicas, diversos espaços síncronos e assíncronos e o uso da tecnologia para promover aprendizagens. Nós, enquanto professores(as), precisamos nos reinventar para continuar mantendo ativo o processo de ensino e aprendizagem de algum modo.

Fazer a escola em tempos de pandemia foi uma tarefa árdua devido às interrogações que permearam tal contexto, em que tudo era muito novo. Não havia uma receita de como deveríamos fazer, tivemos que ir descobrindo no dia a dia entre erros e acertos, dentro do que era possível fazer em virtude de tudo o que estava sendo vivido por todos: mortes, perdas, isolamento e medo de contrair o coronavírus.

Trazemos nesse trabalho a experiência vivida em uma escola na rede municipal de ensino de Saquarema/RJ em que fomos nos formando em rede nos cotidianos, buscando vencer os desafios impostos pelo contexto pandêmico.

**A formação docente em rede nos cotidianos**

Na escola em que se deu a experiência trazida nesse trabalho, ao termos que colocar em prática o ensino remoto no início da pandemia da covid-19, percebemos nossa incompletude de saber para ministrar aulas de uma forma que não estávamos acostumados. Naquele momento, não tínhamos o conhecimento necessário para colocar em prática o ensino remoto, mas foi praticando-o nos cotidianos que aprendemos. Santos (2002, p. 250) destaca que

(...) não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda a ignorância é ignorante de um certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular (Santos, 1995, p. 25). Deste princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. O confronto e o diálogo entre os saberes é um confronto e diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias.

Dessa forma, no início da pandemia da covid-19 tínhamos certa ignorância a respeito de que maneiras poderíamos utilizar o ensino remoto em nossas práticas cotidianas. A partir de nossa incompletude de saber inicial, fomos capazes de nos reinventar em nossas práticas ao nos formar nos cotidianos por meio do compartilhamento de saberes docentes e da construção colaborativa de novos conhecimentos. Buscando tal compartilhamento de saberes, realizamos, durante a pandemia, algumas rodas de conversa por chamadas de vídeo em grupo via *WhatsApp* e *Google Meet*.

As rodas de conversa realizadas com os(as) professores(as) propiciaram momentos ímpares não somente de trocas de experiências, mas também de escuta e de fala. Estávamos em isolamento social em nossas casas com muito trabalho a fazer, lidando com um novo cenário educacional, cheios de incertezas quanto ao futuro devido ao cenário pandêmico que assolava a todos e provocava medo. Ter um momento em que foi possível externar nossas angústias, ver que não estávamos sozinhos, que compartilhávamos dos mesmos sentimentos e trocar experiências trouxe um acalento para todos nós e nos ajudou a continuar o nosso fazer pedagógico.

Além disso, as rodas de conversa puderam proporcionar um reforço do se sentir pertencente “[...] à profissão e de identidade profissional que é importante para que se aproximem das possibilidades de reconhecimento de sua autoria e autonomia no *fazerpensar* docente” (Reis; Oliveira, 2018, p. 70). Complementando essas ideias, Nóvoa (1992, p. 14-15) destaca que

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional.

[...]

O trabalho centrado na pessoa do professor e na sua experiência é particularmente relevante nos períodos de crise e de mudança, pois uma das fontes mais importantes de “stress” é o sentimento de que não se dominam as situações e os contextos de intervenção profissional.

Assim, poder conversar com outros(as) professores(as) foi algo de muito valor, pois nesse momento aconteceu a troca de ideias. Nas rodas de conversas realizadas foram compartilhadas as experiências que estavam dando certo, as que não deram, as dúvidas etc. E, a partir disso, percebemos a potência do coletivo docente. Muitas aprendizagens foram tecidas por meio dos diálogos estabelecidos entre diversos saberes dos(as) professores(as). Nessa perspectiva, Reis e Oliveira (2018, p. 66) destacam que

[...] no exercício da partilha, há a possibilidade da criação coletiva e de mudanças, de amadurecimento e de debate de ideias. Ao entendermos que essas vivências de cada professora, em grupos de discussão, nas escolas – com colegas, funcionários, crianças e familiares são *espaçostempos* de formação, podemos compreender que a partilha dessas experiências contribui com a tessitura de conhecimentos múltiplos a respeito de como cada uma pratica sua profissão e os sentidos coletivos que podem ser tecidos a partir daí.

A partir da partilha de experiências nas rodas de conversas, vimos, durante a pandemia na escola onde foi vivida tal experiência, professores(as) se reinventando de diversas maneiras: gravando vídeos para explicar a matéria, áudios, realizando chamadas de vídeo com os alunos com o objetivo de resgatar o vínculo afetivo que vinha sendo perdido pela tela fria dos celulares e ambientes assíncronos de aprendizagem, aprendendo a utilizar diferentes aplicativos, usando a criatividade para conseguir ensinar os conteúdos a seus alunos da melhor forma possível. Todas essas práticas e táticas utilizadas foram formando o(a) professor(a) em seu cotidiano.

Garcia (2012, p. 26) destaca, a partir do pensamento de Nilda Alves, que é possível considerar que “a formação dos professores se dá em rede num movimento *práticateoriaprática* que também é atravessado pelas experiências, compreensões e saberes que desenvolvemos ao longo de nossa trajetória”. Alves (2019, p. 115) também traz à tona a percepção de que as redes educativas nos formam como professores, bem como “cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos”.

Alves (2010) defende que a formação de professores acontece em múltiplas redes educativas, “entendidas todas como de *práticasteorias*, ou, dito de outro modo, nas quais práticas e teorias estão sempre presentes e se interrelacionam de diferentes modos” (Alves; Caldas; Brandão, 2015, p. 778). Essas redes são compreendidas como de *práticasteorias* porque “nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano e intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar, teorias” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 24).

A formação docente acontece em múltiplas redes, não somente quando se faz um curso em uma universidade para obter um diploma de professor(a) ou quando se faz cursos de formação continuada. Formamo-nos em múltiplas redes desde que nascemos, ao interagirmos com outros, de acordo com o local em que vivemos, a cultura que temos contato, o conhecimento ao qual temos acesso, etc. Todos esses fatores vão exercendo influência em nossa formação. Nesse sentido, não cabe afirmar que ela se deve apenas à escola, mas diversas redes educativas nos formam no decorrer do tempo.

Destacamos as redes educativas das *‘práticasteorias’* pedagógicas cotidianas, as quais são consideradas os *‘espaçostempos’* que mais formam os docentes, pois é no dia a dia da sala de aula, enfrentando os desafios que aparecem, que ocorre de fato a formação. Aprendemos a teoria sobre a docência nos cursos universitários, mas é no cotidiano da sala de aula que vamos aprender o que é ser professor e como ser um professor.

É vivendo no dia a dia escolar, enfrentando as dificuldades e os desafios das práticas cotidianas, bem como através da troca de experiências que o docente se forma, como foi o caso da pandemia da covid-19.

**Considerações Finais**

A troca de experiências e a partilha de saberes entre os(as) professores(a) é de suma importância. Assim, poder conversar com outros(as) professores(as) e trocar ideias a respeito de como estavam exercendo a prática docente no contexto pandêmico se mostrou de grande valor. Outro aspecto que cabe ressaltar é a formação em múltiplas redes educativas (Alves, 2010). Destacamos em especial as redes educativas das *práticasteorias* pedagógicas cotidianas (Alves, 2010) como as mais atuantes durante a pandemia, tendo em vista que, à medida que os desafios se impunham, os(as) professores(as) iam se formando nos cotidianos para que fosse possível o exercício da prática docente.

A pandemia chegou sem avisar, se impôs e nos fez mudar enquanto professores(as). Trouxe mudanças para a escola, para a prática docente, para os discentes. Não somos mais os mesmos de antes. Mas aprendemos, sofremos tendo em vista o contexto que vivemos, nos formamos e vamos continuar (re)existindo, fazendo escola a cada dia, pois ser professor(a) é ter esperança de que tudo será melhor, é utilizar táticas (Certeau, 2013) e agir de modo criativo mediante a realidade vivida.

**Referências**

ALVES, Nilda Guimarães. Redes educativas '*dentrofora*' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. *In:* SANTOS, Lucíola; DALBEN, Ângela; LEAL, Júlio Diniz Leiva. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. 66. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.

ALVES, Nilda Guimarães. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas:** memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda Guimarães; CALDAS, Alessandra Nunes; BRANDÃO, Rebeca. Formação de professores com filmes: Os clichês como formadores de docentes e indicadores dos múltiplos caminhos da centralização curricular. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 13, n. 04, p. 775-793, out./dez. 2015. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/ index.php/curriculum/article/view/25180/18789. Acesso em: 20 abr. 2023.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles. *In:* OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 20. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GARCIA, Alexandra. *SENTIRFAZERPENSAR*: Nilda Alves e a formação de professoras e professores. **Revista Teias**, *[S.l.],* v. 13, n. 29, p. 21-34, n. especial, 2012. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24292/17271. Acesso em: 26 nov. 2023.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. *In:* NÓVOA, António. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\_A\_Novoa.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

REIS, Graça Regina Franco da Silva; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes. *In:* RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das Emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [*s.l.*], v. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/1285.Acesso em: 20 ago. 2021.

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Especialista em Psicopedagogia (UCAM) e em Gestão Educacional (FAMATH). Graduada em Pedagogia (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa Diálogos Escolas-Universidade: processos formativos, currículos e cotidianos (UERJ). [↑](#footnote-ref-1)